

Desmantelando mitos: harmonia e Democracia Racial por Lélia Gonzalez e Virgínia Bicudo

Dismantling myths: harmony and Racial Democracy
by Lélia Gonzalez and Virgínia Bicudo

Desmontando mitos: armonía y democracia racial
por Lélia González y Virgínia Bicudo

Ian Rebouças de Andrade¹

 [0000-0001-9521-8245](https://orcid.org/0000-0001-9521-8245)

Thais Mendes Magalhães Perez²

 [0000-0001-8809-466X](https://orcid.org/0000-0001-8809-466X)

Thayná Holanda Magalhães Diógenes Queiroz³

 [0009-0002-3243-8157](https://orcid.org/0009-0002-3243-8157)

Resumo: Objetiva-se analisar o impacto dos mitos da democracia e harmonia racial no Brasil, com enfoque nas concepções sociais divergentes. Utilizando método bibliográfico e documental, são feitas análises críticas de Lélia Gonzalez e Virgínia Bicudo, que discutem a democracia racial, o racismo velado e a influência da linguagem na identidade racial. Considera-se finalmente a relevância da análise histórica e psicanalítica para uma compreensão aprofundada da temática.

Palavras-chave: Sociologia Crítica. Desigualdade Racial. Lélia Gonzalez. Virgínia Bicudo

Abstract: The objective is to analyze the impact of the myths of racial democracy and harmony in Brazil, focusing on divergent social conceptions. Using a bibliographic and documentary method, critical analyses are conducted by Lélia Gonzalez and Virgínia Bicudo, addressing racial democracy, covert racism, and the influence of language on racial identity. Finally, the relevance of historical and psychoanalytic analysis for a deeper understanding of the subject is considered.

Keywords: Critical Sociology. Racial Inequality. Lélia Gonzalez. Virgínia Bicudo

Resumen: Se busca analizar el impacto de los mitos de la democracia racial y la armonía racial en Brasil, con énfasis en concepciones sociales divergentes. Utilizando un método bibliográfico y documental, se realizan análisis críticos de Lélia Gonzalez y Virgínia Bicudo, quienes abordan la democracia racial, el racismo encubierto y la influencia del lenguaje en la identidad racial. Finalmente, se considera la relevancia del análisis histórico y psicoanalítico para una comprensión más profunda de la temática.

Palabras-clave: Sociología Crítica. Desigualdad Racial. Lélia Gonzalez. Virgínia Bicudo

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Lattes:* [7636852387113211](https://lattes.cnpq.br/7636852387113211) - *E-mail:* ianeandradex@gmail.com.

² Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professora Substituta vinculada à Universidade Estadual do Ceará. *Lattes:* [7006894430062799](https://lattes.cnpq.br/7006894430062799) - *E-mail:* thaism.magalhaes@uece.br.

³ Mestra em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Lattes:* [1312859097514216](https://lattes.cnpq.br/1312859097514216) - *E-mail:* thayna.queiroz@aluno.uece.br.



Introdução

Refletir sobre o mito da democracia racial e o mito da harmonia racial é de fundamental importância em nossa sociedade, uma vez que essas concepções tiveram e continuam a ter um impacto significativo nas dinâmicas raciais e na busca por igualdade e justiça, além de muito reverberarem no senso comum.

Tais mitos surgiram em diferentes contextos culturais e históricos, mas compartilham uma característica fundamental: a ideia de que as sociedades são harmoniosas e igualitárias, independentemente da origem racial ou étnica de seus cidadãos, e, independentemente do fato da escravização no Brasil ter durado 388 anos (Brescianini, 2019)⁴, e, do Brasil ter tido sua economia dependente desse modelo de trabalho, tendo impactos sociais na exclusão e inclusão na participação no mercado de trabalho até os dias de hoje, por exemplo.

No entanto, a partir das perspectivas das autoras, que são explorados nesse escrito, como esses mitos, objetiva e simbolicamente, atuam ou não na sociedade brasileira? Discute-se concepções sociais divergentes sobre a sociedade brasileira, não tratando-se de estabelecer a existência de concepções equivocadas ou de uma realidade, *a priori*, e unívoca, mas sim de pontuar as reflexões dessas intelectuais e a crítica que elas mobilizam a conceitos como democracia racial e harmonia racial, considerando a sua relação com a história das desigualdades e hierarquias raciais no Brasil e na América Latina.

Por meio do estudo da discussão crítica desses mitos, podemos elucidar sobre a persistência das desigualdades raciais, preconceitos e discriminação, bem como refletir estratégias para superar essas barreiras e construir sociedades verdadeiramente inclusivas. O pensamento de estudiosas como Lélia Gonzalez e Virginia Bicudo fornecem valiosas perspectivas que nos ajudam a desconstruir esses mitos e promover um diálogo mais elucidativo e educativo sobre a complexa questão do racismo e da harmonia racial. Nos propomos a colocar em conexão, de forma breve e objetiva, os pensamentos de Lélia González e Virginia Bicudo. O nosso objetivo é, assim, discutir sobre as categorias de Harmonia Racial e de Democracia Racial.

⁴ “Por 388 anos o Brasil teve sua economia ligada ao trabalho escravo: extração de ouro e pedras preciosas, cana-de-açúcar, criação de gado e plantação de café. A mão de obra escrava era a força motriz dessas atividades econômicas. E os fazendeiros tornaram-se o grande sustentáculo econômico do regime imperial” (Brescianini, 2019, [s.p.]).



A metodologia empregada neste ensaio é predominantemente bibliográfica. Ela baseia-se na análise crítica de uma variedade de fontes literárias, incluindo obras de renomadas acadêmicas, como, principalmente, Lélia Gonzalez e Virginia Bicudo, que abordaram a temática do racismo, da democracia racial e da harmonia racial. A metodologia é, assim, análise bibliográfica e documental. A análise documental busca obter uma representação da fonte original, facilitando a localização, identificação, organização e avaliação das informações no documento. Além disso, pretende contextualizar os eventos em momentos específicos do tempo e do espaço (Moreira, 2005). Já a abordagem bibliográfica permite a compilação e a interpretação de ideias e teorias desenvolvidas, contextualizando as contribuições, dessas autoras, em específico, em relação aos debates contemporâneos sobre raça e sociedade. Assim, oferecemos uma base para a discussão mais aprofundada das questões relacionadas ao mito da democracia racial e da harmonia racial, que, apesar do formato breve, possibilita uma compreensão mais abrangente e crítica desses conceitos.

Entrelaçando categorias: raça, democracia racial e harmonia racial

Bicudo (2010) postula a tese de que, no contexto brasileiro, particularmente em São Paulo, a influência preponderante nas perspectivas de mobilidade social dos indivíduos de ascendência africana repousa na valorização da aparência ancorada no processo de embranquecimento. A autora se alinha com a perspectiva culturalista, profundamente influenciada pelos princípios da *Escola de Chicago*, na qual a raça é concebida como uma construção social, e onde são categoricamente rechaçadas as teorias de natureza biológica (também conhecidas nas ciências sociais como *darwinismo social*).

Em consonância com Bastos (2010), a abordagem adotada por Virgínia Bicudo interpreta a marginalização do indivíduo de ascendência africana como um fenômeno de ordem psicológica ou, em suas palavras, como um "traço da personalidade" (Bastos, 2010, p. 14-15). A observação de que "[...] as condições sociais que geram a marginalização permanecem incólumes em uma análise que direciona seu enfoque na esfera psicológico-cultural" (Bastos, 2010, p. 15), também encontra respaldo nas considerações da autora.

Bicudo (2010) se vê compelida a analisar os processos sociais e psicológicos a fim de discernir o significado subjacente às atitudes manifestadas. Quando foram capazes de



identificar os mecanismos psicológicos que governavam a adaptação dos indivíduos, tiveram a obrigação de compreender em que medida tais ajustes eram influenciados por fatores externos. A convicção de Bicudo (2010) reside na possibilidade legítima de apreender, até certo ponto, as disposições raciais de um grupo étnico mediante a análise das reações desse grupo no contexto de suas interações com outros. Dessa forma, a autora notou a necessidade de formular conjecturas acerca das imposições sociais resultantes da estrutura societária, o que, por conseguinte, implica que também procura discernir nas atitudes dos indivíduos afrodescendentes, sejam eles pretos ou mulatos, o reflexo das atitudes adotadas pelos indivíduos de ascendência branca (Bicudo, 2010).

Devemos lembrar que, a democracia racial, em tese, refere-se à condição de total igualdade entre indivíduos, independentemente de sua raça, cor ou etnia. Contudo, mesmo com o fim legal da escravização e a condenação legal de práticas racistas, pode-se refletir que a democracia racial ainda não está alcançada na sociedade atual, sobretudo na brasileira. Pois percebemos um profundo abismo que separa as populações negras e indígenas da população branca.

Recorda Bastos (2010), que, o mito da "democracia racial" emerge como uma concepção que engendra uma percepção distorcida da "realidade", funcionando como um entrave à coesão do grupo racialmente discriminado. Além disso, atua como um obstáculo aos movimentos sociais, que, se dedicam a denunciar a precariedade da situação dos afrodescendentes na sociedade brasileira.

Segundo Maio (2010), a discriminação racial não apenas se manifestava nas relações sociais no Brasil, mas também se apresentava com características distintas. Bicudo (2010) identificou que esse tipo de preconceito gerava consequências sociais e políticas singulares em comparação com o preconceito baseado na origem ou classe social.

Bicudo (2010), em uma de suas conclusões, enfatiza que o desenvolvimento da identidade racial é um processo intrinsecamente relacional, ou seja, construído e mantido por meio das interações com outros indivíduos e grupos sociais. Assim, a identidade racial é forjada por meio de conexões sociais, em contraposição à determinação por características biológicas, como já mencionado. Portanto, a identidade racial é reconhecida pelo indivíduo negro com base nas interações com outros indivíduos que se autodeclaram negros.



Conforme Bicudo (2010), o contexto social brasileiro peculiar dificultava a mobilização política dos afrodescendentes, como exemplificado com a Frente Negra Brasileira⁵ trazida pela autora. Como resultado, a resolução das questões raciais por meio de conflitos se mostrou inviável. Com frequência, os negros buscavam se ajustar aos valores e visões de mundo do grupo hegemônico, ou seja, a população branca, em busca de ascensão e integração social, muitas vezes sem sucesso.

Laudelina de Campos Melo, ativista pioneira e histórica pelos direitos das trabalhadoras domésticas, por exemplo, fundou a primeira associação da categoria em 1936, na cidade de Campinas, São Paulo (Pinto, 2015). Trabalhadora doméstica e negra, fazia parte da Frente Negra Brasileira e foi uma verdadeira documentarista da cultura afro-brasileira, contribuindo de inúmeras formas, de iniciativas educacionais às artísticas, para a construção de uma comunidade negra que fortalecesse os seus laços de solidariedade e, por consequência, a sua força política.

A prática política combativa de Laudelina, no entanto, nunca foi norma entre a população negra, pois, em busca de ascensão e integração social, como estabelece Bicudo (2010), assim como melhorar as suas possibilidades de sobrevivência e acumulação de capitais econômicos e simbólicos, muitas vezes a única saída costuma ser a da desidentificação com o seu grupo de origem (Skeggs, 1997; Roncador, 2007), fenômeno relacionado com o pertencimento dos sujeitos à certa ordem de estigma. Ele inclui a incorporação de crenças, valores, moralidades e práticas dos “normais”, como postula Goffman (1988), em oposição e detrimento daquelas pertencentes aos estigmatizados, cujas ações e símbolos têm significados deletérios. O racismo, nos moldes societários eurocêntricos, torna-se um estigma que afeta o processo de socialização, segundo o autor, que é definido através da “[...] crença da sociedade mais ampla em relação à (sua) identidade e uma ideia geral do que significa possuir um estigma particular” (Goffman, 1988, p. 41).

Nesta perspectiva, Elisabete Pinto (2015, p. 186) entende que a estigmatização das pessoas negras no Brasil funciona a partir de estratégias coloniais que visam,

[...] impedir a geração de qualquer sentido de autoestima nos grupos étnicos diferentes [...]. Então, há a necessidade de difusão estratégica de crenças, valores e

⁵ Na cidade de São Paulo, estabelece-se a Frente Negra Brasileira, que se expandirá por todo o país. Esta é uma união política e social da comunidade negra nacional, dedicada à promoção dos direitos históricos dessa comunidade, reconhecendo sua contribuição material e moral no passado. A Frente Negra Brasileira busca reivindicar os direitos sociais e políticos atuais dentro do contexto da Comunhão Brasileira (Domingues, 2008).



estereótipos que podem fazer com que as distinções do outro o transformem num ser estigmatizado (Pinto, 2015, p. 186).

Assim, com a autoestima prejudicada pelo fato da sua cultura ancestral representar o Outro e antítese da cultura europeia dominante, os sujeitos racializados, nesse contexto, são prejudicados na construção do seu senso de valor próprio e comunitário, o que dificulta a sua identificação enquanto classe e posterior ação política reivindicatória de direitos e espaços.

A aparente coexistência harmoniosa entre negros e brancos no Brasil não refletia, de fato, uma relação democrática ou igualitária. O mito da harmonia, citado uma vez por Gilberto Freyre (2006, p. 117)⁶, era, e continua a ser reforçado, por meio de programas televisivos, discursos de senso comum, entre outros. A abordagem de Bicudo (2010) destaca que a distância social entre negros e brancos não se devia apenas a fatores econômicos, mas também ao preconceito relacionado à cor da pele.

De acordo com Bicudo (2010), os casos que ela analisou demonstram que não temos (no Brasil) o preconceito racial no sentido de uma atitude de antagonismo de toda a população, atingindo igualmente a todos os indivíduos descendentes da raça dominada. Pelo contrário, a discriminação aumentava à medida que a pessoa se aproximava da tonalidade negra, principalmente se essa pessoa manifestasse características físicas típicas dessa ascendência, como o cabelo crespo. Nesse sentido, a aceitação social dos mestiços ocorria à medida que se aproximavam do ideal "branco" em termos de cor de pele e traços de fisionomia e de personalidade. Portanto, Virgínia Bicudo (2010) argumenta que no Brasil existe um preconceito de cor distinto do preconceito de raça e classe. Em outras palavras, o genocídio dos negros não se restringe à violência contra seus corpos, mas também abarca um genocídio de sua cultura e tudo o que ela representa, o que é denominado de "epistemicídio".

Virgínia Bicudo (2010) ressalta com ênfase a presença predominante da discriminação racial, o racismo, no Brasil. Sua visão se contrapõe à interpretação que atribuía às desigualdades raciais apenas às diferenças de classe. Ela observa que as estratégias empregadas por seus entrevistados em sua pesquisa, analisada com rigor metodológico e

⁶ Nos referimos especificamente à passagem: "É verdade que agindo sempre, entre tantos antagonismos contudentes, amortecendo-lhes o choque ou harmonizando-os, condições de confraternização e de mobilidade social peculiares ao Brasil: a miscigenação, a dispersão da herança, a fácil e frequente mudança de profissão e de residência, o fácil e frequente acesso a cargos e a elevadas posições políticas e sociais de mestiços e de filhos naturais, o cristianismo lírico à portuguesa, a tolerância moral, a hospitalidade a estrangeiros, a intercomunicação entre as diferentes zonas do país. Esta, menos por facilidades técnicas do que pelas físicas: a ausência de um sistema de montanhas ou de rios verdadeiramente perturbador da unidade brasileira ou da reciprocidade cultural e econômica entre os extremos geográficos" (Freyre, 2006, p. 117).



psicanalítico⁷, visavam evitar conflitos diretos com indivíduos brancos, o que, por sua vez, limitava o desenvolvimento da consciência da discriminação. Isso afetava a capacidade de lutar por direitos e justiça social através de confrontos com a população branca, contribuindo para a manutenção do *status quo* e de uma suposta harmonia - corroborando com a desidentificação com o grupo de origem e a conseqüente desagregação comunitária.

Lélia Gonzalez (1984), durante um congresso de ciências sociais no Brasil, lançava instigantes questionamentos. Ela indagava: por que, de forma recorrente, as questões que perturbam são atribuídas à categoria "preto"? Nesse contexto, considerando que os indivíduos afrodescendentes ocupam uma posição marginal na estrutura social brasileira, tal como determinado pela lógica da dominação, urge a necessidade de uma análise psicanalítica. Assim, surge a indagação crucial: por que a lógica da dominação busca e frequentemente obtém sucesso na tentativa de domesticar a identidade do indivíduo negro? Gonzalez (1984), assume com coragem, o risco inerente a essa abordagem, que consiste em dar voz a essa reflexão com todas as suas implicações. Precisamente porque, segundo essa autora, têm sido objeto de discurso e frequentemente tratados como seres infantilizados - *infans*, sendo aquele que não detém voz própria, a criança que é retratada na terceira pessoa devido à sua voz ser moldada pelos adultos - neste trabalho, então, Gonzalez (1984) assume a responsabilidade de expressar sua própria voz. Em outras palavras, para a autora, os marginalizados terão a oportunidade de se expressar, com toda a serenidade necessária (Gonzalez, 1984).

Conforme Lélia Gonzalez (1984) aponta, o mito da "democracia racial" incorpora elementos da cultura, como o samba e o folclore brasileiro. Aqueles que sustentam a existência dessa democracia racial se apropriam desses elementos culturais na tentativa de reforçar, em seu discurso, a sua existência. Contudo, Gonzalez (1984) já identificava uma intrínseca contradição entre o que é dito e o que é efetivamente posto em prática.

Lélia Gonzalez (1984) ressalta que o discurso da "boa aparência" ou "boa apresentação" em entrevistas de emprego, por exemplo, está intrinsecamente relacionado com

⁷ “Eu me interessei muito cedo por esse lado social. Não foi por acaso que procurei psicanálise e sociologia. Vejam bem o que fiz: eu fui buscar defesas científicas para o íntimo, o psíquico, para conciliar a pessoa de dentro com a de fora. Fui procurar na sociologia a explicação para questões de *status* social. E na psicanálise, proteção para a expectativa de rejeição. Essa é a minha história. [...] Para não ser rejeitada, tirava nota boa na escola. Desde muito cedo, desenvolvi aptidões para evitar a rejeição. Você precisa tirar nota boa, ter bom comportamento e boa aplicação, para evitar ser prejudicada e dominada pela expectativa de rejeição, diziam meus pais. Por que essa expectativa? Por causa da cor da pele. Só pode ter sido por isso. Eu não tive na minha experiência outro motivo” (Bicudo, 2000, [s.p.]).



a aparência branca. Assim, submeter a população negra a esse critério implica em um processo de branqueamento. Isso se coaduna com a perspectiva de Virgínia Bicudo (2010), que sugere que o processo de branqueamento acarreta a supressão da cultura negra e a diluição da identidade racial. Além disso, há implicações de natureza psicológica e social, que, não menos relevantes, necessitam ser minuciosamente desveladas e combatidas segundo as autoras. Ambas as autoras concordam que o racismo brasileiro se entrelaça com a formulação de pensamentos e desejos.

Segundo Gonzalez (2019), o movimento de africanização do Brasil não é exclusivo deste país, mas é um fenômeno que também se manifesta em outras nações da América Latina. Lélia Gonzalez (2019) identifica a presença de práticas de dominação por parte dos colonizadores em relação aos colonizados. Um trecho notável destaca-se: "O puritanismo do colonizador anglo-americano, orientado pela busca da 'verdadeira fé', os forçou à conversão e à evangelização, ou seja, ao esquecimento de suas raízes africanas" (Gonzalez, 1988, p. 75). Segundo Gonzalez (1988), o racismo se sustenta na concepção de que os valores (incluindo religião e cultura) ocidentais (europeus) brancos são universalmente válidos e únicos. A teoria da miscigenação continua a ser utilizada, até os dias de hoje, como apoio ao discurso de democracia racial e diversidade racial por parte dos brancos. Além disso, Gonzalez (1984) assume uma perspectiva de pesquisadora psicanalítica, deixando claro que sua argumentação é fundamentada na psicanálise. Ela expressa que o suporte epistemológico de seu trabalho se origina de Freud e Lacan, destacando assim a influência da Psicanálise (Gonzalez, 1984, p. 225). Ao afirmar que o racismo é "[...] a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira" (Gonzalez, 1984, p. 224), a autora está empregando a noção de sintoma em um contexto estritamente psicanalítico, fazendo referência explicitamente ao pioneiro (Freud) e ao seu discípulo mais conhecido de língua francesa (Lacan). Portanto, observamos uma clara adesão a uma abordagem específica dentro do campo da psicanálise.

Gonzalez (1983), assim, destaca a concepção ambígua que a sociedade brasileira tem da mulher negra, que é exaltada no carnaval e invisibilizada e explorada, no dia a dia, enquanto doméstica, por exemplo - o seu suposto "lugar natural", de onde deve carregar as dicotomias da culpabilidade branca. Lugar natural sobre o qual Gonzalez muito se questiona: "[...] por que vivem dizendo pra gente se por no lugar da gente? Que lugar é esse?" (Gonzalez, 1983, p. 231). Ela complementa as observações pontuando as contradições do



racismo no Brasil: “[...] por que será que o racismo brasileiro tem vergonha de si mesmo? Por que será que se tem ‘o preconceito de não ter preconceito’ e ao mesmo tempo se acha natural que o lugar do negro seja nas favelas, cortiços e alagados?” (Gonzalez, 1983, p. 231).

O *Feminismo Afro-latino-americano*, utilizado por Gonzalez, é, assim, uma categoria que resulta da interseção entre as ideias de americanidade e gênero, aproximando-se dos conceitos de feminismo interseccional. Gonzalez (1988) ressalta a riqueza e singularidade, bem como a distinção, das culturas brasileira e latino-americana em relação à cultura africana. A autora observa que, ao se debruçar sobre a perspectiva histórica e cultural, é de suma importância reconhecer que a experiência afro-americana divergiu e diverge daquela dos africanos que permaneceram em seu continente de origem. Ao se autodenominarem afro/africano-americanos, seu povo, nos Estados Unidos, também está rejeitando toda a riqueza da experiência vivida no “Novo Mundo” e a subsequente criação da “América” (Gonzalez, 1988).

Considerações Finais

A análise de Virgínia Bicudo (2010) traz da psicanálise uma marca de seu modo de pensamento. A autora faz um excelente encadeamento de uma análise psicanalítica e sociológica, ao evidenciar a presença de um racismo latente na sociedade brasileira, no qual a relevância da raça nas relações sociais é subestimada e, na psique, ao buscar defesas científicas para o íntimo, o psíquico, para conciliar, como a mesma diz, “[...] a pessoa de dentro com a de fora” (Bicudo, 2000, [s.p.]). Bicudo procurou e refletiu na sociologia a explicação para questões de *status* social, e, na psicanálise, refletiu sobre a proteção para a expectativa de rejeição e como se entrelaça com a categoria de raça. Suas análises proporcionam perspectivas inovadoras e uma compreensão mais profunda da identidade racial, que continua a influenciar as análises sociológicas das relações sociais no Brasil, com implicações significativas nos âmbitos social e político, mesmo nos dias atuais.

Já o trabalho de Gonzalez (1984) se destaca por sua linguagem descomplicada e de fácil acesso. Assim, torna-se evidente que, concordando com a autora, nossa existência ontológica, ou seja, a forma como nos apresentamos e interagimos com o mundo, é moldada não apenas pelo discurso, mas também pela linguagem, gramática e psique. Especificamente, a linguagem utilizada pela autora se destaca por sua força, impacto e, acima de tudo,



acessibilidade. A linguagem descomplicada e de fácil acesso, marca de Lélia González, tem a ver com um projeto consciente e altamente sofisticado e intelectual da autora de atingir um público amplo, que não é propriamente e unicamente o público convencional da escrita acadêmica.

Em último, é fundamental reconhecer que tanto Virgínia Bicudo quanto Lélia Gonzalez percebem na psicanálise uma base para compreender a discriminação racial, refletindo, assim, sobre as contradições inerentes à sua formação sócio-histórica como brasileiras, latino-americanas e caribenhas.

Referências

Bastos, Elide Rugai. Prefácio. *In*: Bicudo, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. Maio, Marcos Chor (Org.). São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

Bicudo, Virgínia Leone. Fui buscar defesas para o íntimo [Entrevista com Anna Veronica Mautner]. [Folha de S. Paulo](#), Ilustrada, p. E4., 2000.

Bicudo, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

Brescianini, Carlos Penna. Há 131 anos, senadores aprovavam o fim da escravidão no Brasil. **Agência Senado**: Senado notícias, 2019.

Domingues, Petrônio. Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 517-534, 2008.

Freyre, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51 Ed. Rev. - São Paulo: Global Editora, 2006.

Goffman, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 Ed. - Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

Gonzalez, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223-244, 1984.

Gonzalez, Lélia. A Categoria Político-Cultural da Amefricanidade. *In*: Hollanda, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento Feminista**: Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 340-352.

Gonzalez, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. n. 92/93, p. 69-82, 1988.



Gonzalez, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *In: Silva, Luiz Antônio Machado, Et Al. **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos***. Brasília: ANPOCS, 1983. p. 223-244.

Maior, Marcos Chor. Introdução: A Contribuição de Virgínia Leone Bicudo aos estudos sobre as relações raciais no Brasil. *In: Bicudo, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo***. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

Moreira, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In: Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação***. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279.

Pinto, Elisabete Aparecida. **Etnicidade, gênero e educação**: a trajetória de vida de Laudelina de Campos Mello (1904-1991). São Paulo: Anita Garibaldi, 2015.

Roncador, Sônia. **A doméstica imaginária**: literatura, testemunhos e a invenção da empregada doméstica no Brasil (1889-1999). Brasília: Editora UnB, 2007.

Skeggs, Beverley. **Formations of class & gender**: Becoming respectable. Sage, 1997.

Submetido em: 09 de novembro de 2023

Avaliado em: 07 de dezembro de 2023

Aceito em: 10 de janeiro de 2024